

O EXÍLIO INTERIOR EM TEOLINDA GERSÃO: A EXPERIÊNCIA DE LUGAR EXISTENCIAL NA VELHICE¹

ROSÂNGELA GUEDÊLHA DA SILVA*
MÁRCIA MANIR MIGUEL FEITOSA**

RESUMO

Analisa-se a experiência do lugar existencial no conto “Mal-entendidos” (*Prantos, amores e outros desvarios*, 2016), da escritora portuguesa Teolinda Gersão. A narrativa focaliza o lugar vivido na velhice em meio à incomunicabilidade e ao artificialismo nas relações familiares contemporâneas. A tessitura textual articula a subjetividade ficcional à objetivação do mundo real, enquanto exílio interior, compreendido como atitude de resistência, atualizando a discussão acerca da condição humana dos idosos no século XXI. O aporte teórico se respaldará, fundamentalmente, em Yi-Fu Tuan, Paul Ilie, Maria Heloísa Dias e Simone de Beauvoir.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, experiência, exílio interior, velhice, Teolinda Gersão.

INTRODUÇÃO

Não saberemos quem somos se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário se quisermos assumir em sua totalidade a nossa condição humana. (BEAUVOIR, 1990, p. 12).

* Mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: rosgued@hotmail.com

** Doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: marciamanir@hotmail.com

Os sentimentos e as experiências íntimas são rudimentares e ingovernáveis para a maioria das pessoas, mas escritores e artistas têm encontrado meio de dar-lhes forma. (TUAN, 2013, p. 245-246).

Um dos desafios que se apresentam à humanidade no século XXI é a garantia de respeito à dignidade da vida humana longeva diante do envelhecimento populacional mundial, fenômeno decorrente da associação de diversos fatores, como a ampliação da expectativa de vida e a redução das taxas de natalidade. Segundo o Relatório Global *Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio* (UNFPA; HELPAGE INTERNATIONAL, 2012, p. 3), o “envelhecimento é um triunfo do desenvolvimento [...] em razão de melhoras na nutrição, nas condições sanitárias, nos avanços da medicina, nos cuidados com a saúde, no ensino e no bem-estar econômico”. Entretanto, como também indica o documento, é uma realidade de regozijo, mas que, paradoxalmente, possui desafiadoras implicações políticas, econômicas e sociais que abrangem “muito além da pessoa do idoso e sua família imediata, alcançando a sociedade mais ampla e a comunidade global de forma sem precedentes” (UNFPA; HELPAGE INTERNATIONAL, 2012, p. 3).

Esse paradigma possui conexões com todas as dimensões e configurações da vida na Terra, humana e ambiental, e exige um novo olhar acerca do viver frente ao envelhecer e à velhice.² Nessa conjuntura, portanto, urge tratar de questões ligadas à materialidade, mas igualmente imprescindível é conhecer e compreender as realidades imateriais implicadas na condição humana na contemporaneidade. Entre elas, está a relação afetiva da pessoa com o espaço – o lugar onde vive suas experiências, onde habita, por onde circula e se relaciona com o mundo e consigo mesma. Nesse sentido, a pretensão deste artigo é investigar a representação da experiência do lugar existencial dos idosos na produção literária contemporânea da autora portuguesa Teolinda Gersão, mais particularmente no conto “Mal-entendidos”, um dos catorze que integram o livro *Prantos, amores e outros desvarios* (2016). Trata-se de um estudo interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia Humanista Cultural.

A narrativa focaliza a experiência de lugar do idoso em articulação à incomunicabilidade e ao artificialismo nas relações familiares

contemporâneas, representadas ficcionalmente pelo vínculo entre mãe e filho, no momento de suas vidas em que ele está adulto e ela idosa. Somam-se ao conteúdo as estratégias linguísticas empregadas, constituindo um contexto literário no qual o espaço possui relevância muito além de mero cenário estático. Ao estilo da escrita gersiana, a tessitura da trama textual articula a subjetividade ficcional com a objetivação do mundo real. Eis uma marca da prosa de Teolinda de grande relevância neste estudo: a paisagem espacial ultrapassa a abordagem física, aparecendo associada à experiência de lugar existencial do ser humano.

Com o intuito de fundamentar semelhante pesquisa bibliográfica, constituirão o aporte teórico as concepções fenomenológicas do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan acerca do espaço numa perspectiva experiencial; a leitura do exílio interior suscitada por Paul Ilie; os estudos críticos em torno da produção de Teolinda Gersão por Maria Heloísa Martins Dias; e, no que tange especialmente ao fenômeno da velhice, as reflexões filosóficas de Simone de Beauvoir.

“MAL-ENTENDIDOS”: EXÍLIO INTERIOR E RESISTÊNCIA

“Em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.” (CHAUÍ, 1994, p. 18)

Este estudo adentra o universo literário de uma das autoras portuguesas mais premiadas e atuantes na contemporaneidade: Teolinda Gersão, que dispensa maiores apresentações, pois sua produção fala por si. São dezessete obras publicadas, dentre romances, novelas e coletâneas de contos, das quais diversas foram traduzidas para outras línguas e algumas têm servido de base para montagem de produções teatrais e audiovisuais. Desde seu primeiro romance, *O silêncio* (1981), é possível evidenciar a singularidade de uma feição artística transgressora e combativa em relação às estruturas autocráticas e às formas de alienação humana, sobretudo da mulher – figura ficcionalizada na prosa gersiana, quase sempre em aparente cotidiano da vida privada, no qual vive significativas experiências ligadas à sua condição existencial.

Além de consagrada romancista, Teolinda tornou-se uma importante contista portuguesa da atualidade, como evidencia Júlio

Conrado (2016). Vertente para qual esta pesquisa se volta, no que tange ao recorte temático que tem sido recorrente em sua produção mais recente: a velhice. Na prosa de Teolinda, os idosos saíram da margem e do papel secundário para ganharem centralidade e protagonismo nas narrativas.

Assim, este estudo examina mais detidamente a experiência de lugar existencial no conto “Mal-entendidos”, do livro *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), o qual focaliza a difícil relação entre o narrador-personagem e sua mãe, uma senhora viúva de setenta anos. Pela perspectiva do filho, são apresentadas diversas tentativas em que ele, a esposa Jill e seus filhos buscam interagir com a idosa e envolvê-la em atividades que preenchem seu tempo, sem, contudo, obterem sucesso. A narrativa é um monólogo de filho incomodado com a resistência da mãe em relação às propostas dele a respeito de como ela deveria viver. Ela, apesar da viuvez e do fato de morar sozinha, sempre rejeita as companhias sugeridas e até evita interação em ocasiões festivas, assim como recusa alguns passeios, dispensa presentes etc. Segundo o narrador, ela se mostra desinteressada por tudo que lhe apresentam: “A única coisa que parecia agradar-lhe era sentar-se na cadeira de balanço, diante da televisão, e adormecer” (GERSÃO, 2016, p. 77).

Ao longo do texto, o filho expõe como lida com tal conflito. Sendo ele a única voz presente no texto, o leitor acompanha sua busca por um ponto de vista: ele levanta hipóteses e tenta confirmá-las. O percurso das conjecturas é marcado por expressões que atestam sua incerteza, como “Houve um ano em que”, “Acho que foi”, “Creio que”, “Não sei se foi”, “Pensei que”; as quais deixam de ser empregadas quando ele chega a uma conclusão:

Só mais tarde me apercebi de que havia na minha mãe um crônico ressentimento. Tornava-se negativa porque não conseguia aceitar a vida, tal como ela é. Vitimizava-se por ter perdido meu pai (embora eu nunca sentisse que tivessem sido, alguma vez, felizes), por viver sozinha (embora não aceitasse viver conosco nem com mais ninguém, muito menos, uma residência assistida, ou partilhada), por se sentir isolada no mundo rarefeito, uma vez que quase todas as pessoas que conhecia tinham mudado de cidade ou morrido. Ressentimento porque não queria nem podia dispensar uma mulher-a-dias que lhe fizesse as compras e o trabalho, mas não se entendia com

nenhuma. Estava sempre a despedir a última e à procura da seguinte. Em seu entender, todas tinham defeitos em absoluto impossíveis de argumentar.

Ressentimento finalmente, contra mim, contra a Jill e as crianças, como se fôssemos culpados por ser felizes, ao contrário dela. (GERSÃO, 2016, p. 74).

Esse trecho permite evidenciar um relevante aspecto na vida da idosa: as perdas. Perda de pessoas estimadas por morte ou mudança de moradia, perda da vitalidade física e a perda de seu papel social de mãe como a detentora do poder familiar, além das perdas de autonomia e de liberdade; todas essas situações contribuindo para a síntese de algo profundo: a perda da sensação de bem-estar, de segurança e acolhimento em seu lugar no mundo.

Essa dimensão afetiva em meio ao vivido/existencial é também o foco central dos estudos humanistas do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, um dos precursores dessa vertente geográfica de base fenomenológica. Na obra *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, Tuan (2013) teoriza a respeito do espaço vivido pelo sujeito, buscando entender a relação que o homem estabelece com o meio através das experiências vivenciadas no e do lugar. Nesse contexto teórico, lugar é um fenômeno constituído a partir da experiência humana de conhecer intimamente um ambiente. Conhecer deve ser compreendido como mais do que simplesmente estar em um espaço, é experienciar, é habitar, é ser no universo vivido, que é a soma das experiências vivenciadas pelos indivíduos.

Tuan emprega a denominação “topofilia”³ com o intuito de abarcar todos os laços afetivos de identificação e amor por um lugar. Segundo o geógrafo, o termo é “difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 2012, p. 19). Em contraposição, a intensa aversão a um lugar convencionou-se denominar de “topofobia”. Como afirma Oliveira (2014, p. 12), “conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico”.

De acordo com as experiências individuais, um mesmo ambiente pode ser um lugar topofílico para uns, mas de sensação topofóbica para outros e, ainda, essas sensações podem se alterar de acordo com as circunstâncias que influenciam as vivências, a exemplo da mudança

vivida pela protagonista do conto que passa a se sentir emocionalmente desconfortável no ambiente onde sempre morou e que, portanto, lhe era extremamente familiar. Diante das novas situações em sua vida e das relações estabelecidas com as pessoas, as experiências e, conseqüentemente, os vínculos afetivos com o lugar também se alteraram.

Entretanto, diante da realidade da mãe idosa, a única percepção do filho é que ela se tornou uma pessoa ressentida pela velhice, sendo também incapaz de preencher a própria vida. Trata-se de uma equivocada visão homogeneizadora da velhice, da mesma forma como acreditar que o envelhecer traz serenidade (BEAUVOIR, 1990, p. 594). Aprofundando os equívocos, o filho e a esposa imaginam o que a idosa gostaria de viver, de receber de presente, de vestir, de fazer para se divertir, com quem gostaria de estar. Tudo isso é concluído a partir de suas opiniões e suposições, sem considerarem os sentimentos e ideias da mãe.

Desse modo, diversos gestos que poderiam significar atenção e afeto são, de fato, o cumprimento de um dever moral. E a indiferença (embora dissimulada) caracteriza as atitudes do filho em relação à mãe, pois ele nunca se deteve em buscar compreendê-la. Tal como fez quando analisou o castigo que recebera quando criança por manusear fósforos e queimar a alcatifa recém-colocada: “Não dei importância a esse desastre, nem à minha mãe porque sua visão das coisas sempre me pareceu desproporcionada” (GERSÃO, 2016, p. 71). Mesmo já sendo adulto, tal recordação não o fez admitir a relevância da motivação da enérgica reação da mãe. Ele somente a rotula como exagerada e de emoções desequilibradas. Essa visão será uma justificativa suficiente para que a ignore como uma pessoa autônoma e equilibrada, afinal.

Interessante observar que diversas situações vividas na velhice se assemelham à condição de exílio, pois o idoso é, muitas vezes, posto à margem, à parte, como um “exilado no seu tempo” (BEAUVOIR, 1990, p. 549). Esta segregação tanto pode ocorrer pela exclusão física dos velhos dos espaços de convívio familiar e social, quanto se concretizar em uma dimensão psicossocial em relação à qualidade das relações sociais vivenciadas, quando eles estão fisicamente presentes, porém são desprezados, infantilizados ou tratados com indiferença; sendo

esse o aspecto que, de fato, está no cerne dessa questão (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Por ter suas ideias frequentemente ignoradas ou consideradas sem consistência, a mãe busca neutralizar as influências e o excessivo controle do filho. Logo, ela não compactua com o comportamento socialmente esperado em diversas ocasiões, como em seu aniversário, pois não fingiu estar satisfeita em uma situação na qual novamente sua opinião foi ignorada e circunstâncias lhe foram impostas.

Nesse contexto de interdições dissimuladas, ela opta por uma intensa vivência de interioridade subjetiva, tal como o exílio interior de que trata Paul Ilie (1980). Ampliando a perspectiva de compreensão acerca da experiência exílica, o estudioso, ao tratar acerca das consequências da ditadura de Franco sobre o povo espanhol, defende ocorrências de distintas experiências ligadas à ideia de exílio que ultrapassam o aspecto de afastamento físico propriamente dito. Ele trabalha com o conceito de “exílio interior”, um isolamento assumido como “uma condição mental, mais do que material” (ILIE, 1980, p. 2). Ganham relevância, nesse contexto, aspectos relacionados à estrutura interna dessa experiência, tais como emoções e valores referentes à separação como uma condição de o indivíduo manter-se à parte para expressar uma resposta emocional ao fato de não compartilhar com os valores dominantes em um determinado contexto. Para Ilie, o indivíduo que vive isso, vive no exílio.

Essa perspectiva teórica fundamenta os estudos de Miriam Volpe (2005) ao analisar a obra do autor uruguaio exilado Mario Benedetti. Para ela, o exílio interior é um comportamento que reflete o “estado de ânimo, uma atitude” das pessoas em um contexto opressor e adverso (VOLPE, 2005, p. 80), de forma que não consiste em omissão, desistência, simples fuga ou alienação, como uma atitude de quem se exclui para atribuir a outros o poder de decisão sobre sua vida e seu futuro. Mas sim,

um tipo de alienação, no sentido filosófico e humanista, como o exercício responsável do poder do homem: é o exílio da livre e responsável aegis dos poderes de iniciativas. Em vez de uma condição econômica ou metafísica, o exílio interior funcionaria psicologicamente como resposta e oposição de uma comunidade desconectada,

alienada, no estranhamento da sociedade em relação às instituições com que compactou para poder ter uma referência de seu mundo e instituir esse mundo como o mundo. (VOLPE, 2005, p. 82).

Tal ampliação teórica acerca da semântica do exílio tem permitido a visibilidade de nuances mais subjetivas e íntimas dessa experiência, como a compreensão das vivências de lugar no conto em estudo, uma vez que a senhora do conto se retira da intensa convivência, da obrigação de agradar e atender às expectativas de outrem, para, em vez disso, vivenciar suas próprias escolhas.

Uma dessas atitudes é a importante decisão de não deixar sua casa para morar com o filho ou ir para um lar de idosos. Ao contrário, ela quer mantê-la como algo significativo para sua existência, quer preservá-la como seu lar. A casa ou o equivalente ao lar para a pessoa idosa é também uma espécie de arquivo pessoal de sua existência, de seu lugar no mundo. Segundo Relph (2014), as experiências espaciais definem o pertencimento existencial a um lugar. Dessa forma, o lar não é simplesmente onde uma pessoa mora, ou necessariamente o lugar de nascimento, lar é “onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e é conhecido, onde se pertence”(RELPH, 2014, p. 24).

Apesar de não conseguir concretizar o plano de trazer uma prima conhecida há décadas para morar consigo, a atitude da idosa, pensada e executada sem a participação do filho e da nora, representou um exercício de livre-arbítrio, além de configurar um sinal de que não deseja isolar-se de fato, antes resistir à dependência e à decadência associadas à sua condição de idosa.

Nesse sentido, Motta (2006) ressalta que principalmente as mulheres recorrem a mecanismos de resistência ao envelhecimento. A estudiosa esclarece que não se trata do processo físico em si, mas em relação à negatividade política e existencial do envelhecimento. São processos de reflexão, representações e comportamentos que se contrapõem à ideologia da velhice, compondo uma espécie de todo de sobrevivência e resistência pela “busca da autonomia - a capacidade de fazer ou decidir por si próprio, com independência sem precisar de ajuda. Principalmente as tarefas do cotidiano” (p. 229).

Suas pesquisas indicam também uma “função tardia do trabalho doméstico como possibilidade de independentização e resistência”

(MOTTA, 2006, p. 229-230). Ela afirma ter constatado que, entre as mulheres da classe média, sem filhos ou com filhos adultos e tendo perdido os companheiros pela morte ou separação, o trabalho doméstico ganha novo significado, passando a ser importante mecanismo de resistência, um recurso afirmador, funcionando como “meio de autoafirmação e até de libertação” (MOTTA, 2006, p. 229-230).

No conto em foco, a idosa rejeita ter uma ajudante nas tarefas domésticas, fato que é entendido pelo filho como sinal da incapacidade da mãe em conviver com as pessoas e de sua intenção de se vitimizar. No entanto, de acordo com os estudos de Motta (2006), esse comportamento pode ser compreendido como uma atitude com vistas a marcar a independência, a capacidade de gerir a própria vida e ser responsável por seu lugar.

A dificuldade enfrentada pela personagem para conseguir demarcar seu lugar existencial autônomo aparece representado também no plano da tessitura textual, pois o discurso do filho carrega o silenciamento da voz da idosa. As ações dele e da esposa, narradas como bem-intencionadas, escondem certa imposição de decisões unilaterais e vazias de sentimento de amor em relação à mãe. Isso se evidencia no trecho em que se propõe a ofertar rosas à mãe:

Setenta e cinco rosas cor de salmão (as que a Jill achava mais bonitas), presas com um laço de seda e embrulhadas em celofane e papel de prata.

Nem sempre tinha dado flores à minha mãe, no aniversário, em geral optávamos por outras pequenas lembranças. Mas dessa vez, não sei porquê, as rosas pareciam-me evidentes. (GERSÃO, 2016, p. 77).

Nota-se que a mãe e seu aniversário se inscrevem como objeto e obrigação a ele atrelada, a qual precisa ser cumprida, ainda que sem sentimento ou envolvimento emocional legítimo. Paradoxalmente, o descortinamento desse convencionalismo também se configura textualmente quando da revelação de que as flores eram as preferidas da esposa e que a escolha do presente não fora um ato pensado em agradar a mãe: “Como único trabalho, (a senhora) poderia sorrir, como quando se recebe um ramo de rosas, disse a minha mulher, sem ironia” (GERSÃO, 2016, p. 76). O narrador, ao destacar a sinceridade da esposa,

confirma a nulidade atribuída à idosa (sua única tarefa seria gentilmente agradecer, nada mais), revelando, assim, o artificialismo que marca a ocasião na qual há clara tentativa de manipulação do comportamento da aniversariante.

A construção estética, consciente do silenciamento da protagonista operacionalizada na escrita de Teolinda, segundo Dias, revela, assim, uma intenção ideológica em direção a um discurso de resistência que se dá

[...] não pelo ataque direto à realidade externa, mas por um tipo de intervenção poderosa: a rebeldia e a transgressão no seio mesmo da realidade. Espécie de “resistência” armada no próprio processo de criação, colocando-o em causa e desarticulando o texto para que a prática com formas de intervenção se ofereça como permanente busca e não acomodação, nas relações com a realidade. (DIAS, 2008, p. 30).

A tônica da resistência no conto “Mal-entendidos” se vê reforçada não só pelo caráter de universalidade da temática, sugerida pela não atribuição de nomes próprios às personagens centrais da narrativa, o filho e a mãe idosa, como ainda pela evidência de que o discurso do filho decorre do processamento de outros discursos de diferentes contextos interacionais.

Nesse sentido, há um interessante paralelo entre as cenas do início e do final do conto: no desfecho, o filho oferece para uma estranha um buquê muito especial que se destinava para sua mãe, por ele julgar que ela não reconheceria o valor de seu gesto; o que se assemelha ao episódio do início do texto, em que a mãe age com indiferença ao que sentiria o filho e se desfaz também de algo que era muito especial para ele no intuito de castigá-lo por ele não ter compreendido suas advertências:

Recordo-me de que uma vez, quando eu tinha uns sete anos, o meu presente de aniversário, um kit de ferramentas brilhantes com cabo de plástico vermelho, foi parar às mãos do filho da mulher-a-dias, porque na véspera ao fazer experiências com reagentes e tubos de ensaio, deixei um buraco na alcatifa do meu quarto. (GERSÃO, 2016, p. 71)

Essa construção textual evidencia uma aproximação entre a condição do idoso à da criança, ocasionada pela inversão dos papéis de autoridade que ocorre nas relações familiares com pais envelhecidos e filhos adultos. Nesse contexto se encontra implicada também a condição da mulher que detinha, no âmbito doméstico familiar, o lugar de exercício de sua autoridade como mãe, mas que, na velhice, pressente estar sendo destituída dessa prerrogativa. Segundo Barros, as mudanças que ocorrem na organização do núcleo familiar influenciam o papel exercido pela mulher velha de classe média, dona de casa, casada ou viúva, implicando, quase sempre, na redução de seu reconhecimento como uma autoridade no âmbito doméstico, face à emancipação dos filhos:

[...] no ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, como um enquadramento da mulher em uma situação estereotipada (estou falando de um estereótipo comum nas camadas médias) em que ela perde as funções prioritárias na área doméstica do grupo familiar, cedendo lugar aos filhos na área de decisão. Sua própria família nuclear foi desmembrada em outras famílias nucleares; qualquer decisão em relação aos filhos já não lhe exige a participação, pois eles são adultos que não mais necessitam de ajuda. Restam os netos; esses estão sob os cuidados dos pais e cabe à avó apenas uma prestação e serviços, como auxílio na educação. Para as mulheres que hoje têm mais de sessenta anos, a família foi quase sempre o ponto de referência principal. Poucas tem alguma profissão ou atuam como profissionais e a velhice é uma continuação desse predomínio doméstico, privado, porém, do aspecto de centro de decisão em que outro momento prevaleceu. (2006, p. 150).

Destaca-se, ainda, que a reificação da mãe idosa, em um contexto de precarização da comunicabilidade e da autêntica afetividade nas relações familiares, encontra espelhamento no conto “Feliz Aniversário”, do livro *Laços de Família* (1998), da consagrada Clarice Lispector. Anita, a mãe idosa, assim como a senhora do conto português, também constata a artificialidade do tratamento que recebe. Ela vive forçosamente uma rotina vazia e tem a consciência de ser considerada um fardo para Zilda, a filha com quem mora e de cujos cuidados depende.

Ao analisar o conto clariceano, Secco observa que o envelhecer da personagem se transforma em amargura tanto para a idosa quanto para os familiares que se sentem moralmente obrigados a cumprir ritos em relação à mãe que, por sua vez, alimenta uma profunda aversão a toda essa situação. A estudiosa também associa a ideia de exílio à condição de vida imposta aos idosos:

A linguagem corporal da anciã aniversariante expressa seu rancor contido. Sempre tesa, dura, e impassível, sua imagem metaforiza a opressão sofrida. O silêncio e a revolta são as reações do ressentimento existente em seu íntimo, conotações do exílio infligido aos idosos no contexto contemporâneo. (SECCO, 1994, p. 80).

Ambas as narrativas aboliram a visão romanceada da figura da mãe e avó, assim como dos filhos e netos devotados à matriarca admirada, pois, em “Mal-entendidos”, também o filho reclama do fato de ter que cuidar da mãe, ou melhor, de minimamente se importar com ela e lamenta não ter irmãos com quem pudesse dividir tal obrigação.

Assim como no conto de Clarice, no desfecho de “Mal-entendidos”, não ocorre a esperada superação do conflito, ao contrário, há um surpreendente aprofundamento da incompreensão do filho em relação à mãe ao que ela reage com profundo silêncio. A irresolubilidade do conflito na narrativa indica também o aprofundamento dos desafios existenciais da idosa, pois a condição do exílio interior intencional e voluntário é um estado de vida em suspensão de alto custo emocional. Conforme avalia Beauvoir, esse comportamento não soluciona os conflitos que o provocaram:

Geralmente, o ensimesmar-se não basta para proteger o velho contra outrem: sua afetividade está concentrada nos limites de seu estreito universo, mas não suprimida. Ele continua vulnerável em seu corpo, em seus hábitos, em suas posses. Subsistem ameaças e a ansiedade permanece. (BEAUVOIR, 1990, p. 584).

A ideia da falha na comunicação indicada pela expressão “mal-entendidos”, que intitula o conto, parece, portanto, funcionar como um eufemismo de uma profunda incapacidade de diálogo, ainda que a situação se dê entre pessoas muito próximas e que a pessoa idosa esteja

em pleno gozo de sua lucidez. Como explica Simone de Beauvoir, os adultos tendem a neutralizar o poder de decisão e autonomia do idoso, infantilizando-o por meio do controle de suas ações através de excessivos cuidados, indiferença ao seu pensamento e discursos fingidos. Tais ações, que são caracterizadas como tirânicas pela estudiosa, podem, ainda, ser desencadeadoras de um mal-estar em relação ao lugar onde vivem. No conto, a idosa sofre apinhamento em sentido psicológico pela presença do filho, da nora e dos netos. Como explica Tuan (2013, p. 78-79):

A companhia de seres humanos - mesmo de uma única pessoa - produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade [...] são basicamente as pessoas que nos apinham; elas, mais do que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar de espaço. [...] O apinhamento é uma condição conhecida de todos, num ou noutro momento. As pessoas vivem em sociedade. [...] Uma sensação de apinhamento pode aparecer sob condições altamente variadas e em diferentes escalas.

Segundo Beauvoir (1990, p. 577), tudo e todos que estão no entorno do idoso e que a ele pareçam hostis ou ameaçadores, por não poder suprimi-los, levam-no a romper ou a minimizar a comunicação. Para a estudiosa, o fechamento voluntário é uma autodefesa contra possíveis armadilhas de manipulação orquestradas por meio de falsos diálogos.

Porém essa atitude de exílio interior, que permeia muitas relações dos idosos com os que estão à sua volta, teria motivação real nas sociedades contemporâneas onde a população mundial se encontra comprovadamente envelhecida pela ampliação da expectativa da vida humana? Como resposta a essa pergunta, cabe o conceito do que é ser velho empregado por Marilena Chauí na apresentação do livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994, p. 18), de Ecléa Bosi: “em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem”. E lutar contra o quê? Em função do que se dá a atitude defensiva dos idosos? Inúmeros estudos respondem a tal questão, mas novamente Chauí resume muito bem o que pesquisas, em linhas gerais, apontam sobre como se dá a opressão sobre a velhice:

De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos. A tolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho). (CHAUÍ, 1994, p. 18).

Essas estudiosas expõem um contexto desfavorável na experiência de lugar dos idosos no âmbito do cotidiano doméstico familiar, que é o enfoque dado nas narrativas de Teolinda. A instauração do exílio interior, nesse caso, implica em um posicionamento de reclusão deliberadamente assumido em decorrência de forças opressoras que lhe fizeram perder a topofilia na casa familiar, restando-lhe silêncio e reclusão como um ato de contestação, de resistência.

Convém destacar que esse é um traço estilístico da construção do espaço em Teolinda Gersão: a interioridade subjetiva ficcionalizada permite vislumbrar paisagens existenciais ligadas à objetivação do mundo real, uma forma de articulação entre o externo e o interno, o objetivo e o subjetivo. A esse respeito, Dias (2008, p. 32) ressalta:

Sejam quais forem as tendências da literatura portuguesa surgida após 74, todas carregam uma mesma matriz - o espaço da terra como sentimento vital para o universo do romance: “a terra como paisagem, a terra como sociedade, a terra como lugar do humano, a terra como espaço do drama político, a terra descentrada - as Áfricas - a terra como exterior - os exílios, as viagens”. E poderíamos acrescentar, no caso de Teolinda: a terra como impulso para o exílio em outro espaço - o da interioridade subjetiva.

As personagens gersianas vivenciam um “mergulho vertical” na interiorização reflexiva, de distanciamento do mundo externo que as oprime e contra o qual anseiam uma reação: “A óptica feminina que assim se manifesta na ficção de Teolinda desenvolve modelo de

percepção de seu ser mais profundo, ao empreender a descida em si mesma [...]” (DIAS, 2008, p. 194).

No caso do conto em análise, esse mergulho dá-se em forma de um exílio subjetivo que possibilita que a mulher se defenda e se reafirme, ainda que circunstancialmente, pois a narrativa termina com essa problemática sem solução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mal-entendidos” é um texto que, por meio de uma sensível elaboração, aborda duras faces da luta silenciosa da mulher contra a opressão operada por forças autocráticas: tanto da mulher real que luta lançando mão do poder denunciador de sua escrita a respeito de realidades esmaecidas pelo convencionalismo das relações humanas, quanto a ficcionalizada que se rebela contra o apagamento de seu lugar existencial, lutando com aquilo que lhe resta na velhice: a própria subjetividade.

A mãe idosa do texto instaura uma ruptura com seu papel social esperado a partir de uma visão estereotipada dos idosos. Ao adotar um comportamento de intenso afastamento em relação às propostas dos familiares, ela vivencia uma peculiar experiência de lugar: o estar no mundo em uma interação intermediada pelo bloqueio emocional sob a forma de exílio interior. Com tal comportamento, intenciona proteger-se em meio ao apinhamento e à necessidade de reafirmação da autonomia e da liberdade. No conto, a mulher não tem qualquer ato que comprometa seu bem-estar, o que denota a lucidez de sua luta.

No plano da composição narrativa, o silenciamento feminino da mãe idosa, operado pelo discurso do filho adulto, detentor da uníssona voz narrativa, somado ao recurso da ironia e ao eufemismo do título, servem de pistas para o profundo hiato emocional que pode se instaurar entre as pessoas, familiares ou não, de diferentes gerações.

Assim, o conto de Teolinda pontualmente chama a atenção para o fato de que idosos lúcidos, como é o caso da idosa, podem, em decorrência de preconceitos e/ou insensibilidade, não estar sendo vistos como seres humanos ainda detentores de personalidade e com direito ao exercício do arbítrio sobre a própria vida.

Em uma perspectiva mais ampla, tal observação indica que, em pleno século XXI, tem-se a emergência de uma formação humana que inclua a visão do homem em todas as fases de sua vida, que ele seja livre, o quanto possível, de preconceitos e idealizações, pois, assim como a criança não se configura um adulto incompleto, a velhice não deve significar a perda da humanidade. O que parece estar desumanizado, portanto, é o olhar do outro sobre os idosos e disso decorrem, como bem ilustrou a narrativa de Teolinda, graves mal-entendidos.

NOTAS

1. O estudo realizado neste artigo integra a dissertação de mestrado “Horizontes do envelhecer: a geograficidade na obra *Prantos, amores e outros desvarios*, de Teolinda Gersão”, defendida e aprovada no Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, na Universidade Federal do Maranhão em 25.01.19.
2. Com base nos esclarecimentos teóricos de Schneider; Irigaray (2008), neste estudo, consideram-se as concepções de envelhecimento como processo biopsicossocial e velhice como etapa de vida dos idosos. Assim como, de acordo com o estudo de Peixoto (2006), optou-se pela possibilidade de emprego indistinto dos termos “velho(a)”, “idoso(a)” e “ancião(ã)”, a despeito de especificidades antropológicas e sociológicas.
3. Neologismo criado por Gaston Bachelard na obra *A poética do espaço* (2008).

THE INTERIOR EXILE IN TEOLINDA GERSÃO: THE EXPERIENCE OF AN
EXISTENTIAL PLACE IN OLD AGE

ABSTRACT

This paper analyzes the experience of the existential place in the short story “Mal-entendidos” (*Prantos, amores e outros desvarios*, 2016), by the Portuguese author Teolinda Gersão. The narrative focuses on the place lived in old age in the midst of incommunicability and artificialism in the contemporary family relations. The textual tessitura articulates the fictional subjectivity to the real world objectivism, as an inner exile, understood as an attitude of resistance,

updating the discussion about the human condition of the elderly people in the XXI century. The theoretical contribution will be mainly supported by Yi-Fu Tuan, Paul Illie, Maria Heloísa Dias and Simone de Beauvoir.

KEYWORDS: Literature, experience, inner exile, old age, Teolinda Gersão.

EL EXILIO INTERIOR EN TEOLINDA GERSÃO: LA EXPERIENCIA DE LUGAR EXISTENCIAL EN LA VEJEZ

RESUMEN

Se analiza la experiencia del lugar existencial en el cuento “Mal-entendidos” (*Prantos, amores e outros desvarios*, 2016), de la escritora portuguesa Teolinda Gersão. La narrativa enfoca el lugar vivido en la vejez en medio a la incomunicabilidad y al artificialismo en las relaciones familiares contemporáneas. La tesis textual articula la subjetividad ficcional a la objetivación del mundo real, como exilio interior, comprendido como actitud de resistencia, actualizando la discusión acerca de la condición humana de los ancianos en el siglo XXI. El aporte teórico se respaldará, fundamentalmente, en Yi-Fu Tuan, Paul Illie, Maria Heloísa Dias y Simone de Beauvoir.

PALABRAS CLAVE: Literatura, experiencia, exilio interior, vejez, Teolinda Gersão.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 113-168.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação: Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 17-33.

CONRADO, Júlio. Teolinda Gersão, contista. *Revista Triplov de Artes, Religiões e Ciências*, 2016, p. 1-11. Disponível em: <http://triplov.com/letras/Julio-Conrado/2016/teolinda_gersao/index.htm>. Acesso em: 05 fev. 2017.

DIAS, Maria Heloísa Martins. *O pacto primordial entre mulher e escrita: Teolinda Gersão e a atual prosa feminina portuguesa*. São Paulo: Scortecci, 2008.

GER SÃO, Teolinda. *Prantos, amores e outros desvarios*. Porto: Porto Editora, 2016.

ILIE, Paul. *Literature and inner exile*. Authoritarian Spain, 1939-1975. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1980.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOTTA, Alda Britto da. Chegando pra idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 223-236.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido do lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.). *Qual o espaço do lugar?* Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 03-14.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 223-236.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essências de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.). *Qual o espaço do lugar?* Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberito; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, Campinas, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 585-593, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Além da idade da razão: longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia Editora, 1994.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução Livia de Oliveira. Londrina, Paraná: EDUEL, 2013.

_____. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. Londrina, Paraná: EDUEL, 2012.

UNFPA – FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS; HELPAGE INTERNATIONAL (Org.). *Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio* - Resumo Executivo. Trad. Eleny Corina Heller. 1. ed. Nova York: Londres: [s.n.], 2012. 8 p. v. único. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary_0.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2018.

VOLPE, Miriam Lúcia. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora, Minas Gerais: Editora da UFJF, 2005.

Submetido em 08 de maio de 2018.

Aceito em 14 de novembro de 2018.

Publicado em 11 de abril de 2019
